



Gusmão

Janeiro de 2015

O caso Charlie Hebdo

Por Fabio Zuker e Veridiana Domingos

O repugnante e desmesurado ataque à revista Charlie Hebdo tem gerado intensos debates sobre o posicionamento da revista com relação aos muçulmanos radicais, sobretudo as controversas charges do profeta Maomé. Obviamente a resposta a elas com violência e perda humana não justifica qualquer motivo, mas fica claro que a situação é muito mais complexa do que dizem algumas análises que estão circulando na grande mídia.

Leandro Narloch, colunista da Veja, soltou um comentário simplista em seu espaço no site da revista ridicularizando opiniões de intelectuais (mais especificamente a professora do departamento de Letras Orientais da USP Arlene Clemesha e o professor do departamento de Relações Internacionais da UFRJ, Williams Gonçalves) que pedem atenção a uma consideração sobre a situação muçulmana na Europa ao tentar explicar o caso. Em contrapartida, Narloch defende os jornalistas de Charlie como representantes da liberdade de expressão e da coragem. É nesse sentido que outros jornalistas

brasileiros, como Rachel Sheherazade e Diogo Mainardi, também se aproveitaram do ocorrido para se colocarem na mesma posição de Charlie: como jornalistas “independentes” e “corajosos” . Narloch se equivoca duplamente. Em primeiro lugar , figuras como Narloch, Mainardi e Sheherazade não são equivalentes aos jornalistas de Charlie, mas sim do meio conservador o próprio Charlie Hebdo costumava satirizar - sempre com uma crítica política feita à esquerda. Em segundo lugar, a questão muçulmana na europa engolfa um debate delicado, e que impressionismos como os profesiros por' Narloch só geram mais mals entendidos.

As charges, de fato são objeto de opiniões contraditórias: se por um lado elas fometnam o debate público crítico, por outro borram o par de oposição sagrado/profano que acaba orgnizando grande parte da sociedade moderna. Por um lado a França, como tantos outros, é um estado laico e que garante a liberdade de expressão em seus meios midiáticos. É por esse motivo que Chalie continuoi sendo veiculados mesmo dpeois de tantas polêmicas. O governo francês, após o ataque a Charlie em 2011, disse a revista que garantia sua circulação, muito embora achasse que seu conteúdo gerava certo instabilidade política no país. Por outro lado, existe uma questão delicada também (a qual obviamente o artigo do Narloch não remete): a figuração ou representação imagética de Maomé) é considerada uma ofensa grave, um pecado para o islamismo - tal como acontece na religião judaica, como Deus judaico Yaweh. Ambas as religiões, judaica e muçulmana, condenam a idolatria. No atual contexto europeu, a situação dos muçulmanos substitui ao que era o antisemitismo contra os judeus anterior à ascensão do nazismo: existem leis especificamente proibindo suas atividades religiosas. Na Suíça não podem mais construir minaretos, por exemplo, e na França não podem usar determinadas vestimentas, bem como em algumas escolas da prefeitura apenas se serve carne de porco, excluindo muçulmanos e judeus, que juntos, somam 11% da população –sendo 10% deles de muçulmanos.

Em suma, os muçulmanos são, inegavelmente, uma população estigmatizada na Europa de hoje por conta de uns tantos poucos extremistas que cometem atos como o recente ataque. A posição do Charlie Hebdo sempre foi muito clara: um jornal de sátira que satiriza quem quer que tenha posições por nós consideradas contraditórias/conservadoras: sejam judeus extremistas, católicos

extremistas, muçulmanos extremistas, bem como outros grupos não religiosos, como os xenófobos, o próprio FN e as trapaçadas do Sarkozy e do Hollande. Enfim, não poupam ninguém nas suas críticas.

Narloch e sua conclusão sobre a opinião dos intelectuais é ingênua: não se está tentando culpar as vítimas, isto é, os jornalistas de Charlie. O que Williams e Clemesha buscaram levar à mídia é ponderar a situação de estigmatização existente com relação a 99% dos muçulmanos europeus pacíficos, por conta de 1% que cometem atrocidades com as de hoje.

E, de algum modo o Charlie Hebdo é parte constitutiva da forma como a opinião pública geral apreende e entende os muçulmanos. Pode ser que, por consequências imprevistas, Charlie tenha ajudado na construção dessa estigmatização, já que o público leitor estava inserido em um ambiente de estigmatização social, que repetidas vezes ofendiam um dos princípios básicos desta fé, que é a representação imagética de deus. Entretanto, tendemos a acreditar que eles focavam a criticar justamente os radicais, separando-os dos 99% de muçulmanos pacíficos. Nos pareceu pertinente a afirmação do Imã geral de Paris, que ao condenar veementemente o crime, e solicitar punição aos culpados, afirmou: “nós, muçulmanos, não gostamos de ver o profeta desenhado; para isso, temos que resolver com outra caneta, fazendo uma charge crítica, e não pegando em armas”